

10 ABR 1993

CORREIO BRAZILIENSE

Freire prepara pacto para dia seguinte ao plebiscito

Recife — Preocupado com a “irresponsabilidade” dos presidiáveis nas suas críticas ao governo Itamar Franco, o líder do Executivo na Câmara, deputado Roberto Freire (PPS-PE), se prepara para o dia seguinte ao plebiscito e propõe aos partidos aliados um pacto de não agressão.

Segundo ele, a medida serviria para neutralizar a eventual desagregação das forças que ainda apóiam o Governo a partir da corrida pela sucessão presidencial. Desta forma, os partidos evitariam ataques entre si e ao Governo e este, por sua vez, evitaria atritos com sua base parlamentar.

Roberto Freire é um dos que apóiam o presidente Itamar Franco nas respostas duras que tem dado aos seus opositores e garante que a própria sociedade já está reagindo ao que ele classifica como oportunismo destes candidatos. Ele acredita que a nova forma de o Presidente ditar seus relacionamentos políticos vá refletir na mudança de rumos das nomeações do segundo escalão.

Não se pode mudar o estilo do presidente. Ele é franco até no nome. Foi o seu temperamento forte que o levou a reagir de maneira forte às críticas. E tem que ter reação. Quando reagiu às acusações do governador Antônio Carlos Magalhães, por exemplo, o presidente Itamar Franco conseguiu um diálogo muito mais respeitoso com ele, mesmo na oposição — argumentou Freire.

“A melhor resposta que podemos dar a estas críticas — continua — é mostrar o oportunismo dos políticos que as fazem. Eu já sinto que houve uma reação muito grande da sociedade a este



Freire propõe pacto de não-agressão para preservar base governista

oportunismo. Embora pluralista, a sociedade reconhece que este Governo não pode ser tratado como um outro qualquer. O governo Itamar Franco é o resultado da intervenção desta própria sociedade. Este oportunismo está provocando reações adversas até dentro das próprias bases partidárias”.

O líder do Governo na Câmara acha que as forças políticas que, mesmo com candidatos, optaram por uma relação cordial em nome da governabilidade — cita o PMDB, o PSDB e o PFL — tendem a se aglutinar em torno do Presidente, distinguindo-se da

oposição e deixando claro quem compõe a base de apoio do Governo no Congresso Nacional. Segundo Freire, o Governo ainda aposta numa coalizão de partidos que o sustente, embora agora com menos esperanças de obter sucesso.

Para Freire, não se pode desconhecer o peso político dos governadores: “Como intérpretes destas reações que sentem nos seus próprios espaços políticos, os governadores podem ajudar a inibir estes assomos oportunistas. Podem colaborar para manter a estabilidade institucional necessária até para a sucessão”.